

NO LABIRINTO DA PROSTITUIÇÃO: o dinheiro e seus aspectos simbólicos

*Gláucia Russo**

*Você só pensa em grana meu amor. Você
só quer saber quando que eu vou
Trocar meu carro novo
Por um novo carro novo, meu amor
Você rasga os poemas que eu te dou
Mas nunca vi você rasgar dinheiro
Você vai me jurar eterno amor,
Se eu comprar um dia o mundo inteiro
(Zeca Baleiro – Você só pensa em grana)*

No presente artigo, tratarei do dinheiro, bem como do valor e do preço, em sua relação com a prostituição, buscando as diferenças e analogias que os unem. Para tanto, tentarei me pautar nos aspectos simbólicos da construção do valor, especialmente o valor representado ou em estreita relação com o preço e o dinheiro, mais especificamente aquele engendrado nas relações de prostituição que, perpassado por uma série de elementos, ultrapassa a materialidade, passando a ter um significado simbólico.

Por isso mesmo, embora esteja discutindo um mercado específico, em que se vende sexo, minha discussão não se pauta em conceitos econômicos, mas sociológicos. Aqui tomo a reflexão sobre valor, mesmo aquela engendrada no campo econômico, buscando inseri-la em uma relação social, ou seja, em uma relação que ultrapassa, em muito, o debate econômico e aponta para a própria compreensão da sociedade, do tecer de fios

sociológicos que permitem sua existência.

Embora dinheiro, valor e preço, à primeira vista, remetam para conceituações econômicas, tentarei ultrapassá-las, tomando, para realizar tal intento, como pressuposto teórico primordialmente as idéias de Georg Simmel. Além das questões teóricas, as reflexões têm como base um quadro empírico¹ definido: as relações de prostituição que têm lugar na Praia do Meio.² Ou seja, dinheiro, valor e preço são aqui conceitos-chave para o entendimento da prostituição como troca e para a percepção da sociabilidade subjacente às práticas que a permeiam, pois, de outra forma, no trabalho em pauta, a discussão de tais conceitos não teria sentido.

¹ Foram realizadas vinte entrevistas com mulheres que se prostituíam no alto da Ladeira do Sol e em uma das avenidas principais da Praia do Meio. Além disso, mantive contatos e conversas informais que abrangeram também mulheres de outros espaços de prostituição da cidade e fora dela. Realizei também sete entrevistas com clientes, as quais, vale salientar, não pretenderam ser sistemáticas no que concerne à amostragem dos sujeitos abordados.

² A Praia do Meio situa-se na cidade de Natal-RN, fazendo fronteira, de um lado, com a Praia dos Artistas e, de outro, com a Praia do Forte; e é um dos principais espaços públicos produzidos pela urbanização turística de Natal.

* Professor-Doutor da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Av. Prof. Antonio Campos, s/n. Costa e Silva. Cep: 59625-620 - Mossoro, RN - Brasil. ghar@mikrocenter.com.br

Para realizar tal análise, buscarei não perder de vista que estarei tratando de um objeto social com amplas dimensões e implicações, bem como que nele há inúmeros elementos que colaboram para a constituição do valor e do preço, e que tal análise permite o entendimento de relações que dão sustentação à sociedade. Assim, a reflexão aqui proposta centrar-se-á, especialmente, no papel do dinheiro como representação do valor e do preço, dentro das relações de prostituição, atentando para a forma como tais aspectos aparecem e são construídos no processo de negociação.

Os conceitos são, em geral, formatados em uma dada sociedade, mas re-formatados nas relações cotidianas. Portanto, cada sociedade tem uma noção de valor que permeia as relações humanas e é nela construída, pois, por meio delas, ao conceito é acrescido um agregado simbólico. É precisamente isso que diferencia valor e preço.

O preço é uma medição quantitativa da importância relativa de um dado objeto, geralmente expresso em uma quantia específica de dinheiro. O valor, por sua vez, não se expressa apenas no preço, mas transcende-o, pois abarca elementos qualitativos que, através do dinheiro e do preço, são expressos quantitativamente, ou seja, o preço de um dado objeto, como representação de um valor que pode ser pago em dinheiro, traz em si uma série de elementos simbólicos que não se esgotam no quantitativo.

É o mais profundo significado de um conceito que não é simplesmente um agregado de características, mas uma unidade ideal em que essas características encontram uma a outra e se fundem apesar de suas diferenças e é dessa maneira que o preço em dinheiro junta em uma unidade concentrada os numerosos e extensos significados dos objetos³ (Simmel, 1990, p.196).⁴

³ Todas as traduções foram feitas livremente pela autora, seguindo em nota de rodapé o texto original.

⁴ No original: *It is the deeper significance of a concept that it is not simply an aggregate of characteristics but an ideal unity in which these characteristics encounter each other and are fused together in spite of their differences; and it is in this fashion that the money price brings together in a concentrated unity the numerous and wide-ranging economic meanings of objects.*

Assim, o dinheiro é uma representação econômica do valor, devendo, no âmbito do presente texto, ser compreendido como símbolo. Entendê-lo a partir da idéia de símbolo significa dizer que o conteúdo subjacente à forma em que ele se expressa não se mostra imediatamente, ou seja, o dinheiro é representante de muitos elementos que não se esgotam no econômico, pois, embora partam dele, superam-no.

Como símbolo, o elemento monetário contém elementos econômicos, sociais, culturais e históricos e traz em si uma infinidade de aspectos a serem desvendados, que são inerentes aos usos que dele são feitos, o que, pela sua complexidade e multiplicidade, exige uma observação atenta e constante, para que sua essência e forma possam ser apreendidas plenamente. A meu ver, a obra de Simmel, especialmente a sua *Filosofia do Dinheiro*, publicada inicialmente em 1900, em Berlim, apesar de escrita em outra conjuntura histórica, traz uma série de elementos capazes de nos fazer compreender nossa própria sociedade e época, um momento histórico em que o dinheiro se apresenta como um elemento fundamental e imprescindível para a sobrevivência individual e coletiva dos seres humanos.

PREÇO E VALOR: dois lados da mesma moeda

A discussão sobre valor permeia vários campos das relações entre os seres humanos. Grosso modo, quando falamos em valor, estamos nos referindo à importância ou a uma dada qualidade de alguém ou alguma coisa. De todos os pontos de vista, discuti-lo é uma tarefa árdua, pois, dificilmente, seja na economia, na ética ou na sociologia, conseguiu-se capturar o seu significado de forma a abarcar todas as relações que lhe dão concretude. Ele é um conceito escorregadio, fugidio.

A definição de valor está no cerne das relações de prostituição, pois nela ocorre uma troca, que só é possível porque diferentes valores estão em jogo. No âmbito da mercantilização que tem

lugar na prostituição, trocam-se valores diferenciados: sexo por dinheiro, satisfação sexual por liberdade de ter o que se quer, dentre outros. O corpo e o prazer por ele prometido são transformados em mercadorias.

No jogo de compra e venda do sexo, valoram-se diferentemente as mulheres e o produto por elas oferecido, pois uma gama de elementos entra na formação do valor e, conseqüentemente, do preço. Uma mera troca de serviços por dinheiro, como, à primeira vista, poderia parecer, torna-se complexa, de modo a não ser possível dizer exatamente o que se troca. Há inúmeros valores que compõem a relação. Se assim não fosse, identidades e relações não seriam construídas, e a prostituição não teria sentido senão unicamente como parte de um mercado específico: o do sexo.

Não se trata apenas de uma medição econômica, pois não é possível quantificar o sexo (ou o dispêndio de energia das mulheres dentro de uma relação sexual), transformando-o em um montante de dinheiro. Toma-se um instrumento quantitativo para medir elementos qualitativos. Assim, para o entendimento de tal relação, levantarei aqui alguns elementos por mim considerados fundamentais.

Primeiramente, é preciso ressaltar que, atualmente, o dinheiro é o mediador das relações de prostituição, mas nem sempre foi assim. A prostituição, ao longo dos tempos e sociedades distintas, já esteve ligada a práticas rituais e sagradas, sendo inclusive por elas determinadas, como sugere Roberts (1998). Assim, urge não esquecer que é apenas com o advento do capitalismo que prostituição e dinheiro se ligam de maneira fundamental. O dinheiro, com sua peculiar indiferença, torna-se medida de valor e preço para a prostituição.

Quando dois elementos aparentemente tão diferentes, como dinheiro e sexo, se encontram, há a transformação das relações, as quais tomam novos contornos e formas. O dinheiro não modifica somente a prostituição, mas toda a realidade a sua volta. É, ao mesmo tempo, causa e conseqüência da sociedade moderna e da metrópole que se instauram sob o signo do capitalismo.

Diante do quadro acima esboçado, alguns

questionamentos afloram. De que forma dinheiro e prostituição se ligam? Quanto vale o sexo que as mulheres oferecem? Qual o seu preço? Como se pode medir valor? Qual a relação entre valor, preço e dinheiro? Por que comumente desvalorizamos a mulher que troca sexo por dinheiro? A mercadoria determina o valor? Essas e as demais questões que estou expondo aqui são bastante complexas.

O debate sobre valor é controverso, e não pretendo, no âmbito deste texto, superá-lo. Destarte, para empreendê-lo, resgatarei algumas das idéias discutidas por Simmel, pois, a meu ver, a reflexão por ele realizada acerca do valor permite-me uma aproximação com a realidade da prostituição, tendo em vista que eu estou pensando a partir da idéia da troca, ou, mais precisamente, de relação, interação ou sociação.

Assim, no presente texto, compreendo a prostituição como uma forma de troca econômica e sexual que ultrapassa a si mesma. Nela, uma sociabilidade específica é construída; identidades são erigidas; constroem-se relações perpassadas não apenas por valores econômicos, mas também pela afetividade, pelo encontro com o outro, pelo rompimento com a solidão corporal e ainda com a solidão típica da metrópole, em que, mesmo com o outro, se está só.

Simmel (1983; 1990) acredita que a sociedade só é possível porque existem interações. Sem relações, não é possível haver sociedade. Muitas relações, por sua vez, engendram-se a partir da troca de produtos por dinheiro. Assim, os objetos tornam-se valores somente através do processo de troca. Trocar algo significa relacionar-se com alguém, entrar em contato com o outro.

Na troca, mesmo naquela notadamente econômica, à medida que há algum tipo de relacionamento entre os seres humanos, o contato com o outro sempre ultrapassa a dimensão econômica. Nela, cria-se uma relação social e, muitas vezes, se engendra um determinado tipo de sociabilidade, que pode ou não tomar contornos mais duradouros ou pautados em sentimentos específicos, de acordo com a forma como as pessoas envolvidas conduzem e vivenciam a relação.

Para aquele autor, só é possível existir vida social se há interações; são elas que tecem os fios da vida. A troca econômica, por sua vez, é uma dessas interações; ela envolve o desejo por um dado objeto. A posse é o objetivo do desejo, e um valor tem de ser oferecido, para se adquirir outro mais desejado, o que não significa, de modo algum, que a troca seja baseada apenas no desejo ou no impulso de aperfeiçoar a utilidade.

O processo pelo qual os seres humanos atribuem valor às coisas faz parte de um processo mental mediante o qual eles compartimentalizam e ajustam o mundo social e natural que os cerca. Empregamos naturalmente uma série de categorias formais segundo as quais o conteúdo do mundo pode ser organizado na mente. O valor é uma dessas categorias formais. Para Simmel, o valor está intimamente ligado ao desejo. Contudo, o valor que damos às coisas não é mera função do quanto as desejamos. As coisas que têm maior valor tendem a ser aquelas que são mais difíceis de obter. Em outras palavras, valorizamos coisas que parecem estar além do nosso alcance, que resistem ao nosso desejo de possuí-las. A análise de Simmel do valor deriva-se, nesse sentido, de uma visão particular da relação entre os seres humanos e o mundo em que habitam, ou, nas suas palavras, da relação entre sujeitos e objetos (Dodd, 1997, p. 92).

No entanto, o autor não pretende afirmar o valor como subjetivo ou mero produto do desejo; tampouco, a partir da sua compreensão, a atribuição de valor seria determinada apenas pelo nível de desejo direcionado a um dado objeto. Ele não estaria nem no objeto em si, nem no sujeito; seria uma terceira categoria, que incorpora tanto o desejo quanto a dificuldade de obtenção de um objeto, até mesmo as características materiais nele implícitas.

Em outras palavras, para Simmel (1990), valorar ou avaliar um produto não se refere apenas à realização de determinados processos mentais, mas está ligado à maneira pela qual os indivíduos interagem com o mundo ao redor. Sua análise do valor situa-se no contexto do exame da instituição social da troca. Dito de outro modo, o valor está fora do objeto, é uma representação humana e só tem sentido se pensado a partir da sua inserção em relações sociais.

A troca é a condição fundamental para a existência da sociedade, pois a partir dela ocorrem

interações, e a sociedade nada mais é do que uma rede de intercâmbios, um conjunto infinito de trocas que se dão entre diferentes indivíduos. Segundo Dodd (1997), a idéia de que os indivíduos têm volição e podem, de fato, fazer escolhas capazes de moldar suas ações está no cerne da abordagem de Simmel. Essa idéia remete ao indivíduo como sujeito ativo, não somente como um brinquedo das forças econômicas, mas participante do processo de construção da vida em sociedade, da valoração de objetos e da troca.

Assim, embora a atribuição de valor ultrapasse o desejo, não prescinde do ser humano como ser capaz de volição; não é algo construído completamente à parte do indivíduo. A troca e a valoração dos objetos pressuposta por ela constituem um fenômeno humano. O homem tem sido definido como animal político, criador de ferramentas, propositivo, etc., mas, para Simmel (1990), ele é também o animal da troca, é um animal *objetivo*. Além da sociedade humana, em nenhum outro lugar no mundo animal são encontradas indicações de objetividade, ou seja, de uma forma de ver e tratar as coisas que se localiza além dos sentimentos subjetivos e da volição.

A valoração de objetos, comportamentos ou mesmo de pessoas é típico das sociedades humanas. Homens e mulheres que vivem em coletividade atribuem graus diferenciados de importância a objetos e ações; criam uma hierarquia de valores, a partir da qual a própria possibilidade da vida conjunta é possível. Aceitam-se ou rejeitam-se comportamentos e objetos, atribuindo-lhes graus diferenciados de importância.

O valor tem uma dimensão coletiva e está ligado a uma forma social de perceber objetos e ações humanas. A coletividade julga o que é mais ou menos importante e atribui-lhe um determinado valor. Esse, por sua vez, pressupõe um julgamento social e também individual. Ora, um se sobressai em relação ao outro. Em comunidade, prevalece o valor social e, em sociedade,⁵ o valor individual,

⁵ Comunidade e sociedade estão aqui referidas as idéias de Ferdinand Tönnies.

mas eles não são excludentes: ao contrário, um contribui para a fixação do outro (Miranda, 1995).

Para valorar, cada ser humano em particular se remete a idéias e concepções coletivas. Por outro lado, é através do indivíduo que os pressupostos coletivos se mantêm ou são ultrapassados. Indivíduo e sociedade são dependentes um do outro; se um não existe, o outro certamente é eliminado – ao menos na forma como nós o conhecemos. O mesmo ocorre com o valor: ele não é nem puramente individual, nem coletivo, mas só é possível pela junção dos elementos de ambas as dimensões da vida.

Dito de outro modo, um valor só pode ser construído através de interações, das relações que se dão entre os indivíduos; nele, estão presentes elementos pessoais e coletivos que interagem diferentemente, de acordo com os fatores culturais, históricos, espaciais e sociais em jogo. O dinheiro, por sua vez, é um símbolo do valor que condensa variadas relações, não apenas as econômicas, como poderia supor uma análise superficial.

Assim, através do dinheiro, o trabalho da prostituta⁶ é valorado, mas a mulher que o exerce também o é. O ser mulher, em nossa sociedade, por sua vez, só pode ser entendido à medida que o percebemos como uma construção social, histórica e cultural, que se assenta em uma base biológica, mas cujos comportamentos e inserção na sociedade não são exclusiva ou hegemonicamente determinados por ela.

Pensar o ser feminino significa pensar em posturas, gestos, atitudes e comportamentos que só podem ser compreendidos se remetidos a uma sociedade específica, suas relações de poder e a

forma como sua sociabilidade se materializa. Em cada espaço-tempo, há exigências específicas em relação à mulher, que as tornam socialmente mais valorizadas ou não. Em geral, a prostituição se liga a uma forma indesejada de ser mulher, seja porque vai de encontro aos papéis historicamente atribuídos a ela, seja porque remete à vivência livre de uma sexualidade que, ao longo do tempo, aparece aprisionada a rígidos padrões de comportamento, à maternidade e à negação do prazer.

Nesse sentido, ser prostituta, de forma geral, pode significar trocar o corpo ou o prazer por dinheiro, mas, na realidade, essa condição ultrapassa a mera troca de valores concretos, e é ainda mais do que isso, pois, na troca, a própria essência do indivíduo está em jogo. Ao vivenciar a prostituição, a mulher se insere em uma relação comercial; o sexo é percebido como um produto a ser negociado. Nesse sentido, a prostituição remete a uma profissão, uma vez que exige qualificações específicas, remete a um mercado particular e se concretiza a partir do pagamento por um serviço prestado.

Na vivência das relações de prostituição, ao trocar um bem considerado socialmente valioso por um montante em dinheiro – um objeto sem cor, indiferente, equivalente tanto dos artefatos mais admiráveis quanto daqueles considerados completamente sem importância –, a mulher passa a ser vista como prostituta, ou seja, a partir de elementos que a depreciam socialmente.

Ao se ligar ao mercado do sexo, ocorre certa “invisibilização” do ser feminino. A mulher com suas necessidades, dificuldades, sonhos e emoções é substituída pelo estereótipo da prostituta, e suas vivências e situações reais são desconsideradas. A prostituição aparece como fortemente determinante de sua inserção social e de sua condição feminina. Socialmente, há todo um conjunto de idéias e imagens fixas que costuma se interpor como verdade com relação às mulheres que a vivenciam em seu cotidiano; modelos que estão no imaginário social e que costumam servir de base para classificação das mulheres que se prostituem.

Segundo Moraes (1996), referindo-se à pes-

⁶ Acredito que as mulheres não são apenas trabalhadoras ou profissionais do sexo, mas seres inseridos em relações, cujo universo colabora para a construção de uma identidade, possivelmente marcada pelo estigma, pelo desejo do dinheiro e por sua inserção na sociedade como mulheres, na vivência de diversos papéis, dentre eles, o de prostituta. Por esse motivo, opto por utilizar o termo prostituta, pois penso que nele estão contidos diversos significados. Não perco de vista que tal termo é estigmatizante; todavia é preciso não esquecer que uma das formas de lutar contra o estigma é utilizar os termos que estigmatizam, de maneira a preenchê-los com outros significados, a fazê-los remeter às relações nele inseridas, rompendo com estereótipos e imagens pré-estabelecidas.

quisa realizada por ela na Vila Mimosa, Rio de Janeiro, há um conjunto de estereótipos que cercam a condição de prostituta, produzidos através da combinação de duas condições: a de ser mulher e a de ser pobre. Tais estereótipos não são gratuitos, mas produzidos socialmente.

Quando omitem as diferenças, os estereótipos que cercam esta categoria são utilizados como tentativa de organização de um certo caos, já que a prostituta é o elemento que representa a desorganização do padrão de conduta sexual admitido. É então produzida uma classificação da prostituta que destaca a idéia de perigo e de deformação do seu papel feminino (Moraes, 1996, p.32).

O conjunto de estereótipos apresentados pela autora parece estar relacionado não apenas às mulheres da Vila Mimosa, mas é mister admitir que ele se espalha no imaginário da sociedade, compondo uma representação negativa das prostitutas e das práticas de prostituição. Muitos de seus elementos são facilmente exportados da realidade carioca para a potiguar. As mulheres com as quais mantive contato também combinam sua condição de mulher com a de pobreza, o que as torna seres duplamente estigmatizados, cujo entendimento exige percebê-las para além da imagem pré-estabelecida.

Antes de tudo, porém, considero relevante ressaltar que, embora o estereótipo crie não apenas uma imagem, mas um modelo em que as pessoas passam a ser encaixadas e identificadas, o *ser prostituta* não corresponde a uma apresentação externa identificável, e as classificações desconsideram o que compõe a vida das mulheres de carne e osso.

Assim, para entender a prostituição é preciso, antes de tudo, transformar as prostitutas naquilo que de fato são: mulheres singulares, com vivências as mais heterogêneas, que, como grupo, têm em comum a experiência da troca explícita e reconhecida do sexo pelo dinheiro.

Aqui, entre tantas contradições a que a prostituição remete, reside uma que me chama a atenção, por sua relação direta com o elemento monetário: sem dinheiro não é possível sobreviver. Então, por que não usar aquilo que se tem como meio

para consegui-lo? Algumas pessoas têm jóias, imóveis, habilidades para tarefas específicas, talento para arte, etc. As prostitutas têm seu corpo e utilizam-no como objeto de barganha. Trocam o prazer que ele pode proporcionar por uma quantia em dinheiro capaz de lhes garantir, mesmo que, em alguns casos, minimamente, a manutenção das necessidades do dia-a-dia.

O corpo aparece como um veículo que lhes pode possibilitar a sobrevivência, mesmo que, para utilizá-lo, haja também um preço a pagar que, em geral, não é expresso em dinheiro.

- Teve uma vez que eu fui estuprada no Jacó. Fui fazer um programa com o homem. Aí ele num quis me pagar. Aí, antes de eu tirar minha roupa, peguei e sai, sabe? Aí ele veio me seguindo, me seguindo, me seguindo. Eu botei um processo e tudo em cima dele. Fui no ITEP. Fiz exame. Aí, eu quase que morria. Ele pegou a minha cabeça e danou assim numa pedra, sabe? Faz um ano. Ele foi preso, mas, só foi preso seis meses (Indiara, 19 anos).

- Uma vez, aqui, pararam e queria que eu mostrasse a buceta a eles e eu disse: - *Eu não mostro!*. Eu não devo a polícia, né? Eu não tenho ficha, fico tranqüila. Era uns motoqueiros, uns policial numa moto. Ficou querendo que eu mostrasse. Eu não mostrei não, não tenho obrigação. Aí eles disseram: - *Você não vai mostrar não, né? Vou falar com o pessoal lá de baixo pra botar você pra correr daqui* (Keyla, 19 anos).

- Você ser discriminada, você tá aqui sentada no chão, como o tempo de ontem chovendo, né. E você tá aqui pra levar chuva, levar sol, calor, frio, pra você conseguir um dinheiro (Patrícia, 25 anos).

Há inúmeros riscos e dificuldades ligados ao exercício da prostituição. Além do estigma e do preconceito a ela atribuídos, inúmeras práticas discriminatórias fazem parte do seu cotidiano, indo desde a violência simbólica até as agressões físicas de diversas ordens, dentre as quais o próprio assassinato.

A grande maioria delas já vivenciou situações de discriminação e violência e, mesmo que algumas as aceitem como parte do cotidiano, ainda se indignam e procuram formas de contê-las. Em seus discursos, há uma resistência expressa em ações, tanto naquelas mais explícitas, como a denúncia às autoridades competentes, a recusa de fazer ou se comportar de uma forma determinada,

a reação física ou verbal diante das agressões, quanto nas mais implícitas, como é o caso da permanência na prostituição, na maneira de proceder, de se vestir, de falar e até mesmo de ser.

Mesmo diante de tais adversidades, o valor é um dos componentes das relações de prostituição e, assim como o dinheiro adquire valor na troca, os objetos ou serviços que ele mede também são valorados dentro dela, e isso ocorre também com a prostituição. Se assim o é, se a mercantilização torna um produto valioso, é na troca que tem lugar nas relações de prostituição que o serviço oferecido pelas mulheres torna-se um valor. É preciso ter em mente que, nesse âmbito, o valor ultrapassa o econômico: ele é simbólico.

O preço em dinheiro, a quantidade conseguida na negociação, não representa apenas o valor monetário, mas está diretamente ligado ao valor social da mulher. Segundo Simmel (1983), a razão disso é que o preço da venda, ao alcançar uma altura exorbitante, poupa ao objeto da transação o aviltamento que decorre da comercialização empreendida. Nesse sentido, no que diz respeito às mulheres inseridas em relações de prostituição, seria possível afirmar que quanto maior o montante pago para adquirir o serviço por ela oferecido, mais ela se afasta do estereótipo social ligado à figura da prostituta. A própria nomenclatura utilizada se modifica: ela deixa de ser prostituta e passa a ser *garota de programa*, e tal fato não é indiferente; a força social de um ou outro termo não pode ser desconsiderada.

O preço conseguido com o programa configura-se como uma representação econômica de um valor que abarca os dois lados da mesma moeda – o qualitativo e o quantitativo –, de forma a remeter a uma série de elementos que só podem ser compreendidos nas relações sociais em que se inserem. Tal afirmação é corroborada por um fenômeno que, segundo Simmel (1990), se pode reparar em toda parte: a diminuição e o aviltamento do valor humano são inversamente proporcionais às somas pagas. O montante oferecido poderá criar uma compensação, mesmo que possa parecer humilhante, tendo em vista, em particular, a posição

social do interessado.⁷

No caso da prostituição que tem lugar na Praia do Meio, as mulheres, embora sejam levadas à prostituição por motivos os mais diversos, desatando-se as necessidades econômicas, as carências materiais e situações de pobreza e miséria social, do ponto de vista geral, através da sua prática, não passam a pertencer exclusivamente a um determinado padrão.⁸ Elas continuam podendo se inserir em inúmeras outras relações em que trocam o sexo por dinheiro.

- Eu tenho um programa as 3:00 da tarde, mas é rápido, 4:00 horas eu já tô livre. A gente diz que dura umas 3 horas, mas homem só quer o prazer, depois ele não quer saber de nada não, é só fazer ele gozar logo e pronto, a gente fica livre (Paulinha, 23 anos).

De um lado, as relações em que se inserem se caracterizam por seu imediatismo e não chegam a transformá-las em propriedade ou vinculá-las de forma absoluta a um único senhor. As relações vivenciadas no universo da prostituição devem ser rápidas e transitórias e, na maioria das vezes, o são. De outro, o pagamento pelas mulheres ou pelos serviços por elas prestados, que, de certa forma, se confunde com elas mesmas, implica a noção de que elas valem alguma coisa e, na mesma proporção, elas valem alguma coisa porque há alguém disposto a pagar por elas. No caso da prostituição, há homens dispostos a pagar por elas, o que, ao contrário do que está posto na sociedade abrangente, para a qual o recebimento do dinheiro desvaloriza a prostituta, significa que elas têm certo valor para quem oferece o pagamento.

Se o cliente se dispõe a dar um montante em dinheiro pelos serviços oferecidos pelas prostitutas, está implícito, na negociação, que os serviços são desejados e reconhecidos por ele como necessários. Na troca, o valor é construído a partir

⁷ É possível observar esse fenômeno na prostituição: basta pensarmos na prostituição de luxo, ou mesmo nas mulheres de médio ou alto poder aquisitivo que se prostituem.

⁸ Vale salientar, que, no caso das mulheres da Praia do Meio, a figura do cafetão não é comum, tendo sido citada de forma indireta, somente por uma das mulheres entrevistadas.

de categorias situadas até mesmo além dos sujeitos envolvidos.

No campo da prostituição, o contraponto, ou seja, a desvalorização total da mulher estaria presente no estupro ou no não pagamento dos serviços prestados, pois implica a utilização do poder e da força para romper o acordo entre as partes. Ao não pagar pelo serviço, o cliente estaria quebrando as regras e remetendo a uma desvalorização quase total da mulher, cujo serviço não seria nem mesmo reconhecido como profissional, tornando-a, assim, igual ao mais inútil ou ignóbil objeto, pois até mesmo o dinheiro seria superior ao seu valor.

- Eu sai com um cara e ele tava drogado e eu não sabia que ele tava drogado e eu fui pra casa dele; quando chegou lá, ele disse que não ia me pagar e que eu tinha que fazer o que ele queria. E eu disse que não ia fazer e ele me agrediu (Paula, 18 anos).

- Foi num motel, o homem me apertou, sabe? Botou dentro, em cima da cama. Aí começou a dar em mim e eu gritando: - Socorro! Socorro! Socorro! E ele dizia: - Você tá ficando louca? Você tá ficando louca? Pra pensar que eu tô doida e ele tá certo, entendeu? Pronto. Aí eu num tive nem ação pra nada. Aí vim embora.

- Mas ele pagou?

- Pagou nada. Eu vim embora a pé (Betinha, 23 anos).

O não pagamento é expresso em suas falas como uma violência. Ele quebra a relação, tendo em vista que o pagamento é o seu sustentáculo. Nos discursos em questão, o olhar atento irá perceber que, para elas, não é o fato de manterem relações sexuais que as desvaloriza, mas o de não receberem pelo serviço. As mulheres estão dispostas a dar prazer aos homens, mas não querem, tampouco se propõem, a fazer isso a troco de nada. Prestam um serviço pelo qual desejam receber o pagamento. Se isso não ocorre, a relação se configura como um estupro, uma violência, uma violação das regras do mercado no qual se inserem.

Nas relações de prostituição, até mesmo a violência, em muitos dos seus aspectos, pode ser consentida em certo grau, desde que haja uma negociação anterior. Mas, quando não há consentimento, seja por não se chegar a um acordo, ou

pelo não recebimento da quantia acertada, as prostitutas percebem-se como vítimas de violência física e simbólica, e, de fato, na maioria das vezes, o são.

O rompimento do contrato dá-se através do uso da força, que se expressa de diferentes formas, pelo não pagamento, pela agressão física, pela imposição do medo e mesmo pela humilhação. A despeito das ocasiões em que ocorrem tais tipos de situação, a prostituição pressupõe a fixação de um preço e a manutenção de um acordo entre as partes: presta-se um serviço específico, pelo qual se recebe uma compensação monetária. Conforme dizia anteriormente, não há um preço único; ele é variável, muda de acordo com as circunstâncias e personagens envolvidos.

As disparidades de preços, por sua vez – socialmente fixados e estabelecidos por negociação individual –, traduzem diferenças de valor entre as mulheres. Elas fixam preços diferenciados, avaliam as condições do cliente e as suas próprias, consideram a concorrência e determinam quantias a partir do que consideram possível no momento.

- Varia assim, na maneira de... Quando é 30 reais, a gente, já é um cafuçú⁹. Chama logo de cafuçú. E, ele pára, aí depende do bolso dele, né? Se ele tiver condições de dar 50 ou ele vai me dá 150, 200. Já saí com homem pra ele me dá 50 reais, ele me deu 200. Porque ele viu resultado, tudo. Aí a gente conversou e ele quer mesmo dá. Varia do bolso dele. Tem uns que paga bem. Tem uns que paga mal (Kátia, 23 anos).

O preço pago ou recebido varia com o bolso do cliente e o grau de satisfação alcançado por ele, ou do reconhecimento da habilidade feminina. Seja como for, é sempre uma conquista, tanto para a mulher quanto para o homem. Ambos buscam fazer um bom negócio, não apenas do ponto de vista financeiro, mas que seja também capaz de reforçar uma imagem positiva de si mesmos. Na Praia do Meio, valor e preço se entremeiam: as mulheres sentem-se importantes quando, na negociação, obtêm um preço alto; os homens, por sua vez, se

⁹ Homem feio, desarrumado, mal cheiroso e, em geral, pobre.

conseguem baixá-lo, atribuem à sua capacidade de conquista, sentindo-se também valorizados.

Mas é preciso ir além. Na discussão feita por Simmel (1990), o valor é subordinado ao desejo, mas não apenas a ele. Igualmente, como nós representamos certas categorias como verdadeiras, reconhecendo sua verdade como independente de nossa representação, sentimos que determinados objetos, pessoas e eventos continuam sendo valiosos, mesmo se nós não os apreciarmos. Como exemplo, aparecem a natureza, a terra e o ser humano que, independentemente do desejo, da necessidade ou da dificuldade de adquiri-los, são valiosos, não importando se isso é vivenciado conscientemente ou não.

Na discussão da constituição do valor, encontramos ainda, segundo o autor, uma terceira categoria, que pode ser descrita como afirmação ou demanda. O valor incorporado a qualquer objeto, pessoa, relacionamento ou acontecimento demanda reconhecimento. Essa terceira categoria não pode ser derivada nem do sujeito, nem do objeto, mas posiciona-se entre eles.

O referido autor afirma que o processo da formação de valor se desenvolve com o aumento da distância entre o consumidor e o objeto de desejo. As diferenças na valoração a serem distinguidas como subjetivas e objetivas originam-se das variações na distância, medidas não em termos de satisfação, na qual a distância desaparece, mas em termos de desejo que é engendrado por ela e parece superá-la. Ao menos naqueles objetos cuja valoração forma a base da economia, o valor é o correlato da demanda.

O que nos excita não é o objeto, mas a possível satisfação que ele nos oferece. O círculo de objetos que podem suprir as necessidades do sujeito diminui à medida que ele se torna mais refinado. e os objetos desejados são colocados em um contraste mais agudo com outros que podem satisfazê-lo. Nesse estado, a necessidade parece ser determinada pelo objeto.

Ou seja, se levo tal idéia para a discussão da prostituição, poderei afirmar que é o reconhecimento e o desejo por um grupo específico de mu-

lheres que as tornam valiosas do ponto de vista econômico. A busca pela prostituta é, assim, a procura por um tipo específico de mulher, prazer ou fantasia sexual. Não se trata de um serviço que qualquer outra pessoa poderia exercer, mas a busca pela vivência de uma relação peculiar, inserida em um contexto particular, que proporciona determinadas sensações e está ligada a um leque de possibilidades e experiências específicas.

- É algo extremamente agradável, prazeroso, quando não dá certo o mundo não cai... (Caetano, 33 anos).

- Tem um ditado que dizem que ninguém agüenta ficar entrando e saindo do mesmo buraco. Eu acho que é isso, eu acho que o homem sempre quer ter mais, sempre quer ter mais números, sempre quer contar pros amigos o que fez e o que num sei o quê, muito pra se mostrar e outros também porque têm necessidade, que não agüentam realmente ficar com uma mulher só não (Rodolfo, 22 anos).

Para ter acesso ao objeto desejado, a prostituta, faz-se necessário negociar. Em tais negociações, o valor da mulher é econômica e simbolicamente medido em dinheiro, e o fato de o ser não é de modo algum indiferente. Dinheiro, valor e preço se confundem nas transações realizadas no universo da prostituição, mas seu conteúdo não é apenas tangível, no sentido de que não é de todo percebido a partir da quantia negociada, mas também simbólico, pois há outros conteúdos para além de uma quantidade específica de dinheiro que lhe são subjacentes e que não se mostram de imediato. O preço pago em dinheiro representa um valor que não se configura apenas como monetário, mas, em certo sentido, representa a importância relativa de cada um dos sujeitos envolvidos na troca.

Receber o dinheiro é valorizar-se, provar-se capaz. Para as mulheres, é ter competência para se prostituir e, com isso, reafirmar sua feminilidade. Mas elas sabem que há outros elementos envolvidos e que há também, por parte do homem, necessidades similares. Assim, preço e valor mudam de acordo com as situações, épocas e momentos específicos.

- Antigamente a gente tinha valor. Tô ficando velha, mas nunca ganhei R\$ 50,00 ou R\$ 100,00 de um homem, principalmente nos cantos que eu batalho¹⁰ (Marinalva, diário de campo).

- Tem. Você se valoriza e pede adiantado. Quando o home quer, ele dá, dá depois, num tem problema. Quando ele num quer, ele num dá nem antes nem depois. (Vanessa, 25 anos).

No discurso das mulheres da Praia do Meio, a quantidade em dinheiro aparece como um elemento diferenciador do tipo de serviço que prestam e mesmo como medida da sua auto-estima. Como afirma Vanessa, trata-se de se valorizar. O recebimento do pagamento, em uma sociedade que supervaloriza o dinheiro, transforma-as em objetos úteis, necessários e, por isso mesmo, importantes.

O olhar para o interior da prostituição demonstra que o quantitativo aparece, para as mulheres, como medida de valor do serviço que prestam e, portanto, delas mesmas. Elas, por sua vez, têm uma forma específica de significar o preço recebido com o serviço, o que as torna melhores ou piores a seus próprios olhos. Na prostituição, valor é transformado em preço, pois isso é necessário para que a transação se concretize. Mas é bom não esquecer que, na quantia ofertada e recebida, há mais elementos em jogo do que uma mera soma matemática.

É sempre preciso ter em mente que os seres humanos como sujeitos ativos, significam tudo aquilo com que mantêm contato. Eles impregnam as coisas de sentido. Dessa forma, o próprio fato de alguém pagar pelos serviços que as mulheres oferecem já lhes dá, num certo sentido, uma conotação positiva. Elas se inserem em relações altamente contraditórias; são, ao mesmo tempo, seres desejados e indesejados; valorizados pela presença do dinheiro e desvalorizados por essa mesma presença.

A contradição está na base da sua relação com o mundo, com elas mesmas, com os clientes e com o dinheiro. O dinheiro aparece como um objeto ao mesmo tempo positivo e desejado, por-

que permite a sua inserção na sociedade, e percebido negativamente, por lhes assegurar um lugar marginalizado e remeter à vivência de um papel social estigmatizado, a uma *identidade deteriorada*, para utilizar a idéia de Goffman (1988).

Nas relações de prostituição, em meio a esse labirinto de contradições, a quantidade de dinheiro entregue ou recebida demonstra, entre outras coisas, o grau de competência e atratividade dos sujeitos envolvidos na troca. Logicamente, há limites claros e concretos para a negociação, mas eles mesmos se constituem em conteúdos simbólicos que significam diferentemente o preço conseguido.

O valor não seria uma qualidade dos objetos, mas um julgamento sobre eles, em que os sujeitos envolvidos se remetem a uma série de *repertórios pessoais e sociais*, com base na realidade (Douglas, 1986). Ele é relacional. Só é possível valorar um determinado objeto ou, como no caso da prostituição, um serviço, a partir das informações possuídas sobre ele e a pessoa com quem se negocia.

Assim, o valor é socialmente instituído e mobiliza uma série de fatores subjetivos e objetivos que vão desde o desejo pelo objeto até as condições e necessidades de quem compra e vende. O preço, por sua vez, é uma representação econômica do valor, mas, em sua dimensão quantitativa, não consegue significar completamente todos os elementos envolvidos no processo de troca.

Nesse sentido, é possível entender as variações de preço existentes no campo da prostituição. Mesmo estando no mesmo espaço físico, os montantes conseguidos ou mesmo solicitados pelas mulheres diferem, o que reflete também a competência masculina e o conhecimento do *modus operandi* da prostituição por parte do cliente. Nas relações de prostituição, constrói-se uma linguagem específica: quem a domina leva vantagem sobre os demais.

Na negociação, os clientes também demonstram sua competência e seu poder de atração. Algumas vezes, o que está em jogo de fato é o dinheiro, mas, na maioria das vezes, importa sentir-se desejado, ter os atributos físicos admirados ou re-

¹⁰ De forma geral, significa lutar pela vida; ir ao trabalho. No caso específico em que o termo foi utilizado refere-se ao ato de se prostituir.

conhecida sua capacidade de proporcionar prazer. Assim, também para eles, a quantia paga e a capacidade de negociar não se restringem somente à reafirmação do elemento monetário, mas da própria masculinidade.

- As meninas eram do cabaré, José, eu vou dizer o nome dele, mas nem era, José é muito direito, um homem da sociedade daqui, (...) e nós fomos sair com essas meninas, ele pegou na mão da dele, isso a gente em Campina Grande, aí eu dei R\$ 40,00, ele deu 150,00. Agora como? Eu já mais matreiro na coisa, eu disse: - Só tenho esse dinheiro. - Aí, num pode num sei o quê, vai lá pagar, num sei o quê. - Só tenho R\$ 40,00, se você quiser bem, se não quiser fica por isso mesmo. - Sacanagem! - Sacanagem não, eu só tenho isso aí. Ele muito besta, não soube ter argumento. Lá fora ele quase dava em mim. - Como foi que você fez? (Rindo). - Amigo eu só disse que só tinha isso. - Mas, sacanagem, eu dei R\$ 150,00. Então tem essas coisas também, há negociação, há possibilidade de negociação (Sebastião, 60 anos)

- Tem... Tem pra todos os bolsos (ri). É como carro, tem popular e tem importado, você, no meu caso específico eu já paguei de R\$ 10,00 a 15,00 na Praia do Meio. Como já vi prostituta de até R\$ 5,00 ali na Bernardo Vieira, essas eu não, não encarei. Como também já cheguei ao limite de pagar R\$ 250,00 pra uma menina que era, que ela é estudante de faculdade, é uma menina de família e tal. Ela tem carro, os pais dela trabalham, são pessoas ditas normais. Então, o preço tem de... Acho que até passando dos R\$ 250,00 deve se encontrar, mas eu particularmente, meu salário de estagiário, eu topo aí (Damião, 21 anos).

- Por exemplo, eu sou daqueles que, se for preciso ficar parado uma hora, eu fico parado uma hora. Mas tem cara que só quer parar vinte segundos, porque pode ser que a mulher passe e veja, pode ser que alguém veja. Então pra esse tipo de mulher que vê esse tipo de cara, aí elas tiram o dobro do que tirariam com... Com um cara... Aí é questão de juntar as evidências também, mas regra... Fixa, não tem não (Caetano, 33 anos).

- Não, eu morei em São Paulo novo, depois passei muito tempo sem aparecer mais e sempre via muito as coisas de São Paulo, muita Playboy, muita Sexy, coisas de alto luxo, no dia que eu pude ir. - Peráí, eu posso levar quanto? 5.000,00 vai ser pra isso. Pronto, é umas férias vamos dizer assim, de luxo que eu tive. Mas que depende do dinheiro, naquela época eu tava com dinheiro, hoje eu num tô, num vou fazer isso (Moises, 33 anos).

A diferença de preço a que se refere Sebastião serve, na realidade, para ressaltar sua expertise, seu conhecimento do mundo da prostituição; é uma forma de autovalorização, que parece estar presente também nas falas dos demais clientes acima expostas. Todos ressaltam sua capacidade de

negociação, sua lúbia, paciência, habilidade, experiência e *know how*, elementos essenciais para que consigam algumas vantagens na negociação. O que não aparece nas suas falas é que tais processos são esperados pelas mulheres, que já lançam mão de preços e estratégias que não deixam de considerar o comportamento masculino.

Os homens propõem-se a gastar com a prostituição, e as mulheres estão cônscias disso. Aí reside o que há de específico em tal relação. Na prostituição, não ocorre somente a busca do sexo, mas a procura pelo sexo pago. O ato sexual propriamente dito pode ser vivenciado em muitas outras relações: no casamento, no namoro, nos encontros ocasionais. Nas relações de prostituição, o encontro é mediado pelo dinheiro e pelas condições momentâneas de cada um dos envolvidos na troca.

Os clientes fixam seus próprios limites, mas, dentre outros elementos, vêem na prostituição a possibilidade de vivenciar sua sexualidade plenamente, sem as amarras e exigências que as relações convencionais apresentam. A prostituta pode representar o novo, o lúdico, ou qualquer outro papel que faça parte do seu imaginário. Há, na prostituição, um conteúdo de diversão, que pode ou não estar diretamente ligado ao sexo ou ao prazer sexual, mas também aos lugares frequentados, à folia, à dança, à festa, ao jogo e à própria capacidade de sedução das mulheres.

Alguns homens utilizam o dinheiro como arma de conquista. Ele é sentido e representado como um dos seus próprios atributos, exercendo influência direta no nível de atração que são capazes de despertar. É um símbolo do seu próprio poder de sedução e da sua capacidade de conseguir aquilo que desejam. Através do elemento monetário, os clientes sentem-se desejados, bonitos, fortes, jovens, e reforçam uma auto-imagem positiva.

Assim, a pergunta *quanto vale o sexo com uma prostituta* se relativiza. Não é possível fixar um preço ou valor. Há inúmeros elementos em jogo. Na prostituição, mais especificamente na Praia do Meio, a negociação é um processo de constru-

ção de valores simbólicos que, por sua vez, são expressos na forma como o processo é conduzido.

Os objetos são valorados na relação de uns com os outros. Se não há relação, não há valor. O valor, dessa forma, não está atrelado ao sujeito, no sentido que ele o determina a partir do desejo e da possibilidade de satisfação que representa, mas à forma como a relação se constitui. Em outras palavras, o desejo, em certo sentido, valora os objetos, mas isso não ocorre apenas a partir da subjetividade de um sujeito individual, e sim pela gama de informações mobilizadas socialmente ao valorá-los e pela forma que toma a relação em que se inserem.

No processo de troca, o dinheiro expressa o relacionamento de valor entre as coisas, mede-os e facilita o intercâmbio de objetos e (ou) pessoas. Ele entra no mundo de produtos úteis como um sistema abstrato de medida, ou um meio de troca que se move entre objetos tangíveis e, por representar esses serviços, torna-se semelhante a um valor. Ele fixa um preço e, sem preço – no significado mais geral da palavra –, não há valor.

O DINHEIRO E PROSTITUIÇÃO: aspectos simbólicos

No campo da prostituição, a busca do entendimento do dinheiro como representante do valor remete à compreensão do modo como se expressa e é utilizado na relação, atentando-se primordialmente para o seu significado como objeto simbólico.

Para tanto, considero que, nas relações de compra e venda de sexo por dinheiro, a negociação é o momento privilegiado para perceber suas nuances, já que, nesse momento, uma sociabilidade específica é construída; a partir dele, a relação flui ou não, e os aspectos simbólicos do dinheiro aparecem, de maneira explícita ou implícita, na forma que a relação toma. O dinheiro apresenta-se como uma linguagem que se pronuncia, solicita, exige e se molda dentro da relação.

Assim, pressuponho que o dinheiro, em meio ao labirinto de sensações e atitudes que a sua

presença ao mesmo tempo gritante e silenciosa impõe, valora a prostituição, não apenas no sentido de ser um mediador quantitativo e, como tal, representante de um preço específico, mas também qualitativamente, como representante do valor. As variações no preço dos serviços prestados pelas prostitutas não expressam apenas as leis econômicas da oferta e da procura, mas aparecem, dentre outros elementos, como medida de um tipo específico de competência e feminilidade.

Em outras palavras, o dinheiro é também valorado pela prostituição; é um valor que remete a outros valores. Nela, ele assume um significado específico; em meio à relação que se quer puramente racional, os elementos quantitativos, que estariam na sua essência, são transmutados em qualitativos. Ele tem diferentes significados para as pessoas envolvidas com a prostituição. Como símbolo, pode estar ligado à idéia da autonomia pessoal, da sobrevivência, da possibilidade de atender aos apelos da sociedade de consumo, mas parece-me que, de qualquer ângulo, dentre muitos outros aspectos, ele está relacionado, para o sujeito que o possui, à idéia da liberdade, esteja ela ligada ao fazer algo ou ao ter um determinado objeto.

A liberdade relacionada à posse do dinheiro é facilmente reconhecida pelas prostitutas com as quais manteve contato e, mesmo que não apareça de maneira explícita, mostra-se na percepção de que, através dele, é possível possuir objetos e viver situações impossíveis de serem experimentadas de outra forma. Sua presença, no âmbito da prostituição, faz com que as mulheres conheçam pessoas e lugares, tenham acesso a roupas, alimentação e outros objetos de melhor qualidade do que aqueles que conseguiriam por outra via.

Ele garante certo poder àquele que o possui, que se expressa na liberdade de escolher o que se quer ter e, ainda que não se ganhe a quantidade suficiente para isso, tal aspecto é sempre percebido como uma possibilidade; está no cerne da idéia de ganhar dinheiro. Ele garante o essencial e o supérfluo; representa a liberdade de escolha, dá opções, pois através dele, ao menos idealmente, tudo pode ser comprado. É verdade que essa li-

berdade é relativa, pois ele é limitado por sua quantidade e pelas necessidades mais imediatas das pessoas que o possuem.

Como elemento econômico, é o único capaz de garantir a troca e, por isso mesmo, a sobrevivência. Como elemento simbólico, traz em si uma gama de significados. Por meio dele, identidades são construídas, as pessoas reconhecem-se como sujeitos, e direitos são garantidos e (ou) negados, dentre eles, o da própria vida.

No âmbito das relações de prostituição, não é diferente: sobressai-se em significado econômico para as mulheres, remete-se quase sempre à sua utilidade como objeto capaz de permitir a compra de objetos e serviços, embora não signifique que apenas isso está em jogo. Há um discurso subjacente em que se percebe a dimensão de poder presente nele, assim como as convenções sociais que o validam como equivalente universal.

- Mulher, o dinheiro pra mim é que eu sobrevivo com ele assim. Pago meu aluguel. Faço minha feira. Dinheiro pra mim é isso (Lúcia, 21 anos).
- Você prefere o presente ou o dinheiro?
- Eu prefiro o dinheiro.
- Por quê?
- Porque a gente tem mais utilidade com o dinheiro, né? (Cláudia, 29 anos)
- Dinheiro, ah, dinheiro é uma coisa que você, pra comer tem que ter dinheiro, pra aluguel tem que ter dinheiro. Dinheiro é só isso, porque dinheiro é um papel inválido, que num serve pra nada, né. Só serve pra gente viver (Cláudia, 26 anos).

As mulheres demonstram consciência do papel do dinheiro em suas vidas. Ele aparece como uma necessidade cotidiana. Além da feira, do aluguel, das necessidades diárias, permite sobrevivência, cidadania e dignidade. Em nossa sociedade, não é possível sobreviver sem ele, e seu valor ultrapassa o mero atendimento das necessidades de cada pessoa, ligando-se ao reconhecimento dos indivíduos como seres humanos, condição que, nas configurações atuais da sociedade, só é possível pela sua posse.

No discurso das mulheres, a referência à utilidade do dinheiro é predominante, o que é algo interessante, pois, como substância, ele não tem utilidade alguma. É, por assim dizer, inútil, na

medida em que não serve para nada especificamente, mas, ao mesmo tempo, ganha uma utilidade imensurável na troca, só tendo sentido se inserido em tal processo.

As falas, porém, mesmo circunscritas ao seu campo, apontam para além de tal aspecto, quando remetem à liberdade, relacionada ao poder de comprar e ao valor do dinheiro como construção social. A própria determinação do preço que deve ser pago em dinheiro dá a tônica a um tipo específico de liberdade que se expressa no poder de ter algo. Tal liberdade, dentro da prostituição, é facilmente percebida quando penso a partir da forma como as mulheres percebem o recebimento do dinheiro e do presente como pagamento pelos serviços por elas prestados.

Em primeiro lugar, é preciso afirmar que muitas mulheres pesquisadas recebem presentes dos clientes, mas todas preferem dinheiro. Ele lhes dá certa liberdade: – *Com ele posso fazer o que quiser*. Ele representa a possibilidade de escolher; através dele, elas tornam-se sujeitos da própria história. O presente representa uma escolha que não é delas e, mesmo que muitas vezes possa ter um alto valor monetário ou mesmo afetivo, do ponto de vista econômico se encerra nele mesmo, enquanto é possível transformar o elemento monetário em qualquer objeto de desejo, dentro de determinados limites quantitativos, é claro. O dinheiro representa libertação e independência em relação ao outro.

Somente uma transação monetária corresponde ao caráter de um relacionamento momentâneo inconsequente como é o caso da prostituição. O relacionamento é mais completamente dissolvido e mais radicalmente terminado pelo pagamento em dinheiro do que pelo presente de um objeto específico, que sempre, através de seu conteúdo, sua escolha e seu uso, retém um elemento da pessoa que o deu. Somente o dinheiro, que não implica qualquer compromisso e que, em princípio, está sempre à mão e é bem vindo, é o equivalente apropriado para a efemeridade intensificada e, ao mesmo tempo, a efemeridade de apagar o apetite sexual que se serve da prostituição (Simmel, 1990, p.376).¹¹

¹¹ No original: *Only a monetary transaction corresponds to the character of a completely fleeting inconsequential relationship as is the case with prostitution. The relationship is more completely dissolved and more*

Tanto as prostitutas quanto os clientes sabem que o dinheiro mercantiliza a relação, e é exatamente esse o motivo que faz com que as mulheres o prefiram ao invés do presente. Ele remete o afeto, as sensações ou os sentimentos para outro plano, ao passo que o presente traz à tona tais elementos. Mesmo que saibamos que eles se encontram em inúmeras situações vivenciadas dentro da prostituição, é preciso negá-los e, algumas vezes, encobri-los, função para a qual o dinheiro é o mais indicado.

- É, porque o dinheiro a gente tá precisando do dinheiro e presente é uma coisa assim, presente só final de ano, quando você tá precisando. Num é todo dia que você tá precisando de presente, né? Você não precisa de tanto presente (Cláudia, 26 anos).

- Você costuma receber presentes?

- Eles dão. Fica um forjo.¹² Num é meu namorado, ele é um programa. Quando ele aparecer, a gente sai, mas que ele num tem nada a ver com a minha vida, nem eu tenho nada a ver com a vida dele. Não, eu recebo o presente, mas eu quero o meu dinheiro. Mesmo que ele diga que gosta de mim, que tá apaixonado, coisa e tal. Só saio com ele se ele me pagar (Vanessa, 25 anos).

- Existe uma reação diferente quando você dá o presente e quando você dá dinheiro. Às vezes, o dinheiro ele, ele, o presente ele tá mais, ele tá comprando, mas ele pode estar mais associado a uma ternura, a um afago. Enquanto o dinheiro não, ele é cru. Ele é uma realidade nua e crua como, se diz. O dinheiro ele compra, ele tem aquele poder, é de comprar, de dominar a relação (Jorge, 50 anos).

- Você, você dá um presente, talvez você demonstre um pouco mais de respeito pela pessoa e que você tenha um pouco mais de carinho por ela e você dá um presente no qual ela goste e talvez dinheiro não, talvez em dinheiro seja uma coisa mais fria; mas, dependendo da situação, algumas pessoas preferem o dinheiro, porque elas conseguem usar de uma maneira melhor ou não (Nicolau, 24 anos).

O dinheiro é cru, ou seja, não remete a nada, a não ser a ele mesmo. O presente tem uma significação diferente: – *Se ele não é meu namorado,*

radically terminated by payment of money than by the gift of a specific object, which always, through its content, its choice and its use, retains an element of the person who has given it. Only money, which does not imply any commitment, and which in principle is always at hand and welcomed, is the appropriated equivalent to the fleetingly intensified and just as fleetingly extinguished sexual appetite that is served by prostitution.

¹² Fica estranho, exótico, uma bagunça.

por que me dá presente? Na prostituição, o oferecimento do presente aponta para uma transformação na relação. Ao dar o presente, o cliente assinala a construção do afeto, mas nem sempre tal ato é bem-vindo entre as mulheres. A mediação do dinheiro coloca-lhes um forte limite entre suas vidas pessoais, e a prostituição considerada como um trabalho. O presente rompe com esse limite, trazendo à tona novos conflitos. O dinheiro é considerado necessidade, ao passo que o presente é supérfluo, e, se de um lado ele é bem-vindo, de outro limita as possibilidades das mulheres, pois representa uma escolha que não lhes pertence.

À primeira vista, qualquer um de nós consideraria que o recebimento do presente é algo positivo, mas, nos depoimentos acima, é possível vislumbrar um discurso negativo: ele é um produto que lhes retira a liberdade de escolher aquilo que querem ter, ao passo que o dinheiro lhes dá exatamente essa dimensão de liberdade. É preciso ter em mente que estamos diante de uma relação mercantilizada: as mulheres prestam um serviço pelo qual fixam o preço que querem receber.

De um lado, o presente só é bem-vindo quando é um complemento do dinheiro, ou quando é muito valioso e facilmente comercializável. Por outro, ele também é bem-vindo quando há, também, por parte das mulheres, interesse pelo homem por trás do cliente. Se isso ocorre, o presente funciona como um símbolo de conquista, e é positivado na relação.

Diante disso, além de o dinheiro permitir que as mulheres façam suas próprias escolhas quanto ao que comprar, que objetos obter, ele ainda traça um limite entre as relações de prostituição e os outros campos da sua vida; permite-lhes falar em namorados e namoradas, em amores, em relacionamentos, etc. Em outras palavras, transforma a prostituição em uma negociação, cujo pagamento em dinheiro simboliza o término. Os clientes, por sua vez, consideram que, ao darem presentes ao invés do dinheiro, estão valorizando a mulher por trás da prostituta, quando, para elas, é o dinheiro que denota respeito, pois, além do pagamento pelo serviço prestado, representa uma fron-

teira explícita entre a prostituição e os demais âmbitos da vida.

Acima de todos os fatores ressaltados como positivos na prostituição, paira o dinheiro; é por ele, ou, melhor dizendo, por aquilo que ele representa, pelos conteúdos simbólicos a que ele remete, que as mulheres entram e se mantêm na prostituição. Em suas falas, indiscutivelmente, o dinheiro apresenta-se como o principal elemento, uma espécie de facilitador que possibilita as relações da vida e da sobrevivência.

No entanto, é bom não esquecer que o elemento monetário pode ter significados diferentes para as pessoas; pode relacionar-se a independência para alguns, para outros, sobrevivência, conforto, luxo, dignidade pessoal, etc. Porém, de todos os ângulos, traz sempre implícita a dimensão do poder, expresso na liberdade de quem o possui para fazer ou ter algo através dele. Talvez, exatamente por isso, seja ressaltado como o principal elemento positivo na prostituição, pois é encarado como uma compensação.

Um elemento a se levar em conta, quando estamos diante da presença do dinheiro, é que ele, de certa forma, embota a dimensão pessoal da relação e, por isso mesmo, facilita a negociação. Tudo ocorre como se o pessoal, o individual, estivesse no pólo oposto a ele. Pela presença do dinheiro, o pessoal é atingido e torna-se cada vez mais impessoal. A partir de tal premissa, no caso da prostituição, os valores éticos, religiosos e sociais não estariam em jogo ao se negociar o preço do programa. Somente a quantidade de dinheiro a ser recebida em troca do serviço prestado determinaria se a relação se concretizaria ou não.

Mas é assim mesmo que ocorre na prática? Sem dúvida, negociar com desconhecidos através do dinheiro facilita a relação, mas nem sempre é ele que a media, assim como nem sempre o cliente é, de fato, um desconhecido. Se há encontro, a sociabilidade também pode ser construída. Assim, estariam em jogo identidades e quebra de solidões. Além disso, toda relação existente entre seres humanos é pautada na existência de emoções, e isso não é diferente com a prostituição.

Após a negociação, que se dá depois de uma escolha mútua e da aproximação entre clientes e prostitutas, ocorre certo mascaramento da dimensão econômica da relação. Alguns clientes, conforme seus próprios depoimentos, não entregam o dinheiro diretamente às mulheres: colocam-no na mesa de cabeceira ou em sua bolsa. Cria-se todo um ritual para camuflar o aspecto econômico, e a negociação, seu momento por excelência, aparece nos discursos muito mais contundentemente como a capacidade de atração dos homens, pelos atributos físicos ou intelectuais de cada um deles.

- Porque você diz assim: - Vamo que eu lhe dou tanto. Isso aí é muito humilhante, né, pra uma mulher: - Saia comigo que eu lhe dou tanto. Isso é demais. Eu, por exemplo, nunca gostei desse tipo de coisa, eu sempre gostei de conquistar, de sair, bater um papo, pra depois de, a gente ir, chegar, a mulher já tá entendendo, já tá vendo quem eu sou, já tá sabendo; aí é diferente, certo? Na hora da, de usar o sexo é diferente (Sebastião, 61 anos).

- Por que é uma grosseria perguntar qual é o preço?
- Porque eu acho uma grosseria. Todas as vezes que eu perguntei, eu noto um freio de mão puxado... Até porque, é uma opinião minha também. Tem aqueles que têm a tara de saber que é pago... O cara não pára... Eu já saí com um cara que tem que lembrar o tempo todo que é pago. É insuportável! - Olha, eu tô lhe pagando, tô lhe pagando... Tem outros que... Eu me incluo... Que a tara é achar que não tá pagando... Eu sou daqueles que, se possível, eu pego o dinheiro, boto aqui, assim (Mostra gesto de esconder o dinheiro). E já peguei mulheres que pegam o dinheiro assim também, tipo assim... Vamo fingir quer não foi pago... (Caetano, 33 anos).

- Porque ele tá valorizando mais a pessoa, a figura humana. Ele está reconhecendo a necessidade, mas num tá estimulando, quando ele dá o presente (Paula, 30 anos).

- Porque tem muitos que num gosta de pagar a mulher, entendeu? Ele gosta de agradar. Ele num gosta de, ele diz que se sente mal dando dinheiro a mulher. Ele gosta mais, quer comprar um celular, quer comprar uma roupa, um perfume. Eles se agrada assim a mulher. Dinheiro de jeito nenhum eles num dão. Tem uns assim. Mas eu digo não, eu também num gosto não, assim não. Eu gosto que ele me pague (Lúcia, 21 anos).

No discurso masculino, a explicitação do dinheiro como mediador da relação é sentida como uma grosseria para com a mulher, uma humilhação. Os homens falam como se as mulheres se sentissem constrangidas com o recebimento do dinheiro. Como se o dinheiro as desrespeitasse, quan-

do, na realidade, em seu discurso, o dinheiro parece apontar para uma desvalorização do próprio homem. O dinheiro, na verdade, simboliza sua própria incapacidade de conquistar a mulher precisando, por isso, ser escondido.

O poder de conquista pelo dinheiro está em oposição com aquele engendrado pelos atributos físicos e pessoais de cada um. Na prostituição, os clientes, ao esconderem o dinheiro ou camuflá-lo de alguma forma, estão, na realidade, disfarçando sua própria incapacidade ou, talvez, a impossibilidade momentânea de seduzir por seus próprios talentos e qualidades, sendo necessária a introdução de uma ferramenta específica como arma de sedução: o dinheiro.

No contexto acima citado, o pagamento líquida a idéia da sedução baseada nos atributos pessoais de cada um. O dinheiro passa a ser o elemento mais importante, e certo tipo de poder é exercido através dele. Para alguns, é importante reforçar sua presença; para outros, é preciso camuflá-la, e ao fazê-lo, os clientes vivenciam a prostituição como uma situação de conquista pautada na atração e na simpatia mútua. Tais elementos reforçam o caráter excepcional das relações de prostituição, na qual o desejo, o prazer e mesmo a sedução estão diretamente relacionados a uma negociação econômica ou, de forma mais específica, são conformados e se conformam a partir do elemento monetário, presente em uma negociação que se organiza a partir da lógica da sociedade capitalista.

No geral, aquilo que os clientes esperam das mulheres não está em consonância com o que elas professam em seus discursos. Elas reforçam a preferência pelo dinheiro e não demonstram nenhum tipo de constrangimento em recebê-lo. Quando o fazem, isso ocorre mesmo como uma forma de corroborar aquilo que os clientes esperam delas. Elas prestam um serviço pelo qual esperam o pagamento e não consideram haver nada demais nisso.

O recebimento do dinheiro é o reconhecimento do trabalho realizado. Além disso, através dele, as mulheres dividem os territórios de suas vidas e diferenciam a prostituição das outras relações que constroem. O dinheiro aparece como um

limite; ultrapassá-lo significa ferir o projeto da prostituição, pois expressa certo tipo de envolvimento que nem sempre é bem-vindo, mas, ao mesmo tempo, camufla a “objetificação” da pessoa humana, pois denota a presença de sentimentos, a humanidade das pessoas envolvidas na relação.

Na prostituição, as mulheres estão oferecendo um determinado serviço. Nesse sentido, elas dizem aquilo que desejam receber em troca pelo que estão dispostas a dar. Elas determinam o que querem, impõem limites e fixam regras.

Para os homens, a mediação do dinheiro, de certa forma, elimina a idéia de masculinidade, o que faz com que, mesmo para seus pares, a experiência com a prostituição seja descrita como uma conquista. Ou seja: não obstante assumam a relação como mediada pelo dinheiro, o discurso reafirma a capacidade de atrair as mulheres – é bom lembrar que o dinheiro, além da constituição física de cada um, é um instrumento de atração importante –, bem como de lhes dar prazer, como superior àquela de efetuar o pagamento.

Assim, não são raros os relatos em que eles consideram uma grande vitória a diminuição do preço após o ato sexual, ou, ainda, a demonstração do prazer por parte das mulheres, ou o interesse delas por eles, independentemente da transação econômica presente na relação. As mulheres, por sua vez, sabem disso e jogam com sua capacidade de sedução, de envolver o outro. Tentam atrair, demonstram interesse, fazem promessas que se verbalizam em suas falas e em seus corpos, mas, principalmente, na afirmação da sua capacidade de lhes dar aquilo que almejam.

O dinheiro está presente, não há dúvidas, é o fim e o meio da prostituição. Mas, para os clientes, é significado como uma arma de conquista; ele torna aquele que o possui mais atraente. Nesse sentido, o *ter* é incorporado ao *ser*. Ele permite a compra de signos que diferenciam quem o possui daqueles que não o têm: são carros, roupas, perfumes e outros inúmeros elementos cuja função é marcar uma diferença, construir o eu e o outro, separá-los, mas, também, num certo sentido, uni-los.

Na prostituição, ocorre uma inversão: o di-

nheiro, um meio por excelência, é transformado em fim. Ele é, simultaneamente, meio e fim da prostituição. Mas isso não ocorre na sociedade de forma mais ampla? O dinheiro não é o fim de tudo? Suborna-se, mata-se, rouba-se, trabalha-se, expõe-se a intimidade, casa-se, prostitui-se, dentre muitas outras coisas, tudo pelo dinheiro que, por sua vez, quando obtido, abre um leque de possibilidades para quem o possui, que não existiam anteriormente. Além disso, ele cria novas necessidades, dentre elas a de multiplicá-lo ou mesmo acumulá-lo. Por outro lado, não se relaciona com nada diretamente; só tem valor porque há leis e convenções que assim determinam.

O dinheiro é simplesmente 'aquilo que é valioso' e o valor econômico significa 'ser trocável por qualquer coisa'. Todos os outros objetos têm um conteúdo específico do qual eles derivam o seu valor. O dinheiro deriva seu conteúdo do seu valor; seu valor é transformado em uma substância, o valor das coisas sem as coisas elas mesmas (Simmel, 1990, p.121).¹³

O valor do dinheiro deriva de outros valores. Seu valor como objeto possível de ser trocado substitui o valor como substância. Como valor abstrato, não expressa nada mais do que a relatividade das coisas que constituem o valor; e, ao mesmo tempo, como um pólo estável, contrasta com o eterno movimento, flutuações e equações dos objetos. O dinheiro comporta-se como um ponto fixo ao redor do qual os objetos se movimentam e, ao mesmo tempo, está sempre em movimento, permitindo a concretização das relações de troca; ele funciona como um objeto específico coordenado com todos os outros.

Mesmo que seja considerado frio e não tenha valor senão como convenção social ou em relação com outros objetos valiosos, as prostitutas reconhecem nele um elemento fundamental para que possam realizar os seus anseios e mesmo sobreviver. Reconhecem que o dinheiro serve para lhes

garantir o acesso a determinados objetos, e só nessa relação tem sentido. A vida em sociedade gira em torno dele. Em nosso tempo e espaço, não é possível ignorá-lo, ou mesmo sobreviver sem ele. Somos dependentes do dinheiro, porque necessitamos de inúmeros objetos e serviços que não conseguimos produzir, mas que são por ele comprados.

De certa forma, o dinheiro prostituiu as relações sociais. Em nossa sociedade, tudo se troca por ele; tudo está à venda. Pagamos pelo ar, pela água, pela terra, pela vida e pela morte. As relações entre seres humanos, mesmo em última instância, têm sempre alguma ligação com o dinheiro. Até mesmo os sentimentos foram reformatados na sociedade do dinheiro. Atualmente, nada ou quase nada é realizado sem ele. No entanto, por paradoxal que possa parecer, através do dinheiro as relações marcadas pelo individualismo próprio da sociedade ultrapassam a troca econômica. O dinheiro possibilita a vida em sociedade.

Por tudo isso, e muito mais, o dinheiro não é apenas o símbolo das relações de prostituição, mas também da modernidade, do nosso tempo. Assim como, de certa forma, a prostituição também pode ser pensada como o símbolo da nossa época, pois até mesmo valores considerados socialmente positivos, importantes e sagrados, são mercantilizados e envolvidos pela lógica do dinheiro, mas, ao mesmo tempo, ultrapassa-a no sentido de que nela está envolvida uma série de emoções e sentimentos que permeiam as relações humanas, sem as quais a sociabilidade moderna, pautada nas relações monetárias, não seria possível.

(Recebido para publicação em junho de 2007)
(Aceito em setembro de 2007)

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Elizabeth. *The meaning of the purchase. Desire, demand and the commerce of sex. Ethnography*. London: Sage Publications, 2001. Disponível em: <www.barnard.columbia.edu/sociology/bernstein/bernat.1.pdf> Acesso em: 10 mar., 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

¹³ No original: *Money is simply 'that which is valuable', and economic value means 'to be exchangeable for something else'. All other objects have a specific content from which they derive their value. Money derives its content from its value; it is value turned into a substance, the value of things without the things themselves.*

- DIMENSTEIN, Gilberto. *Meninas da noite. A prostituição de meninas escravas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.
- DODD, Nigel. *A sociologia do dinheiro*. Trad. Waldívia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- DOUGLAS, Mary. *Como pensam as instituições*. Lisboa: Instituto Piaget, 1986. (Coleção sociedade e organizações).
- GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa. Prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.
- MARTIN, Denise. *Riscos na prostituição. Um olhar antropológico*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP/FAPESP, 2003.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2001 (Coleção obra prima de cada autor).
- MIRANDA, Orlando (Org.) *Para ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da vila. Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação. As origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- ROUSSIAD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Trad. Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RUSSO, Gláucia Helena Araújo. O amor e a modernidade: um passeio pela sociedade. In: MIRANDA, Orlando Pinto de (Org.) *Sociabilidades*. São Paulo: Terceira Margem, 2002. p.71-83.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental In: VELHO, Otávio Guilherme de (Org.) *O fenômeno urbano*. Trad. Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- _____. *Philosophy of money. Translate David Frisby and Tom Bottomore*. New York: Routledge, 1990.
- _____. *Filosofia do amor*. Trad. Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção tópicos).
- _____. *Simmel*. Organização de Evaristo de Moraes Filho; trad. Carlos Alberto Pavanelli et al. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção grandes cientistas sociais).
- _____. *A ponte e a porta*. Trad. Simone Carneiro Maldonado. Disponível em: <www.geocities.com./collegepark/library> Acesso em: dez, 2004.
- TEIXEIRA, José S. *Trabalho e Valor. Contribuição para a crítica da razão econômica*. São Paulo: Cortez, 2004.
- WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP, 2000.
- _____. Georg Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida. In: L.A.S.C. *Sociabilidades*. São Paulo: FFLCH/USP, 1996. p.25-30.
- WEATHEFORD, Jack. *A história do dinheiro*. Trad. June Camargo. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.
- WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo/Campinas: Cortez/UNICAMP, 1992.
- ZELIZER, Viviana A. *Pricing the priceless child. The changing social value of children*. Princeton/New Jersey: Princeton University, 1994.